



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

TOADA AGRADECIDA¹

Lindanor Celina

São para Waldemar Henrique estas palavras, e sendo a ele dirigidas, têm de ser cantadas, embora simbolicamente. E gostaria bem que esse notável compositor, para quem a música é a razão de ser de sua vida, as recebesse assim, como uma cantiga de gratidão, uma balada de reconhecimento.

Quem neste Brasil desconhece Waldemar Henrique, mormente nós, filhos da Amazônia, deste Pará onde ele nasceu e a quem tanto ama? Este Pará por quem ele tem paixão, e a quem para servir não enfrenta sacrifício, como fez agora, no I Festival do Teatro de Estudante, do qual participamos?

Hoje, que podemos, mercê de Deus, julgar-nos uns triunfadores no certame de Arte realizado no Recife: agora, no momento das congratulações recíprocas, não podemos nem devemos esquecer o nome daquele que tanto contribuiu para a beleza do espetáculo que apresentamos. Muitos aqui já viram “Morte e Vida Severina”, e conhecem a suprema beleza desse auto de Natal pernambucano de João Cabral de Mello Netto. Agora imaginem aquele texto, já de si privilegiado, musicado por Waldemar Henrique, cujo talento como compositor e folclorista já transpôs, há muito, as fronteiras nacionais, tendo se exibido com sucesso, mais de uma vez, na Europa, como um dos autênticos valores artísticos desse país.

Pois Waldemar, no saber que o Pará iria participar do I Festival de Teatro de Estudante, num daqueles gestos generosos que são bem dele, de seu coração grande e

¹ CELINA, Lindanor. *Toada agradecida*. Jornal Folha do Norte, Coluna Minarete, domingo, 03/08/1958. Acervo da pesquisa “Vanguardismos e Modernidades: cenas teatrais em Belém do Pará (1941-1968)”, do Prof. Dr. José Denis Oliveira Bezerra.

boníssimo, ofereceu-se para musicar “Morte e Vida Severina”. E compôs, para o poema, vários motivos belíssimos, para viola e sanfona, aliás uma das coisas mais lindas que tenho escutado, no gênero. E não ficou nisso não. Veio ele mesmo ao Recife, orquestrar ditas melodias. Ali chegando, coadjuvado por Paulo Burgos que naquela oportunidade exibia-se na Rádio Jornal do Comércio, não sossegou enquanto não desencantou um violeiro e um sanfoneiro, exímios ambos, por sinal. Que a melodia, obra de mestre, tinha de ser por mestres executada, para que nada perdesse de sua delicadeza, dolência ou colorido. E assim foi que encenamos “Morte e Vida Severina”, aos acordes, ora maviosos queixumes, ora plangência, ora alacridade, desse mestre que é Waldemar Henrique, e posso assegurar que sua música influiu de muito no resultado da apresentação. Porque não só a peça ganhou uma nova vivência, uma nova profundidade, mas os próprios atores, tocados no íntimo pela música divina, sentiram mais vivamente as palavras de João Cabral de Mello Netto, e mais fielmente as interpretaram. Notei em todos eles, desde os principais aos menores figurantes, uma nova emoção ao dizerem suas falas ao som da música de Waldemar. Os monólogos de Carlos Miranda foram mais dramáticos e pungentes: as cenas do nascimento às margens do Capibaribe, a entrega dos presentes, as palavras de louvação ao pobre recém-nascido do mocambo humilde, vibraram com inusitado calor e súbita alegria, tal como deveria ser, no contraste entre a Morte e o sofrimento que constituem a primeira parte do drama, e a Vida, apoteose final e término feliz do auto pernambucano.

Assim, Waldemar amigo não só de nome nem de palavras, mas amigo de fato, daqueles que deixam saudades receba, onde estiver, esta cantilena talvez desentoadada e desenxavida para o muito que devera exprimir. Nós o estimamos, não apenas como a um irmão de terra que subiu para dignificar o nome deste ignoto rincão e mostrar ao Brasil e também lá fora, no estrangeiro, que aqui há reais talentos e autênticos valores. Nós o estimamos e lhe dizemos obrigado, de coração nas mãos, por tudo o que fez por “norte Teatro Escola”, deixando o Rio de Janeiro, seus afazeres que são muitos, seu lar, sua irmã gravemente enferma, para vir estar conosco, dar-nos sua valiosa cooperação, emprestar-nos seu talento para que com este brilhássemos junto aos demais. E tudo isso de mão beijada, por idealismo, por amizade, por ser você, Waldemar Henrique, o de coração grande, o amigo não só de boca, mas de gestos que ficam, o amigo que deixa saudades.